

Três dias com os Nabuco

por Heloisa Magalhães
do Rio

(Continuação da página A-1)

Carioca de nascimento mas mineira de família, ela diz que a política está no coração.

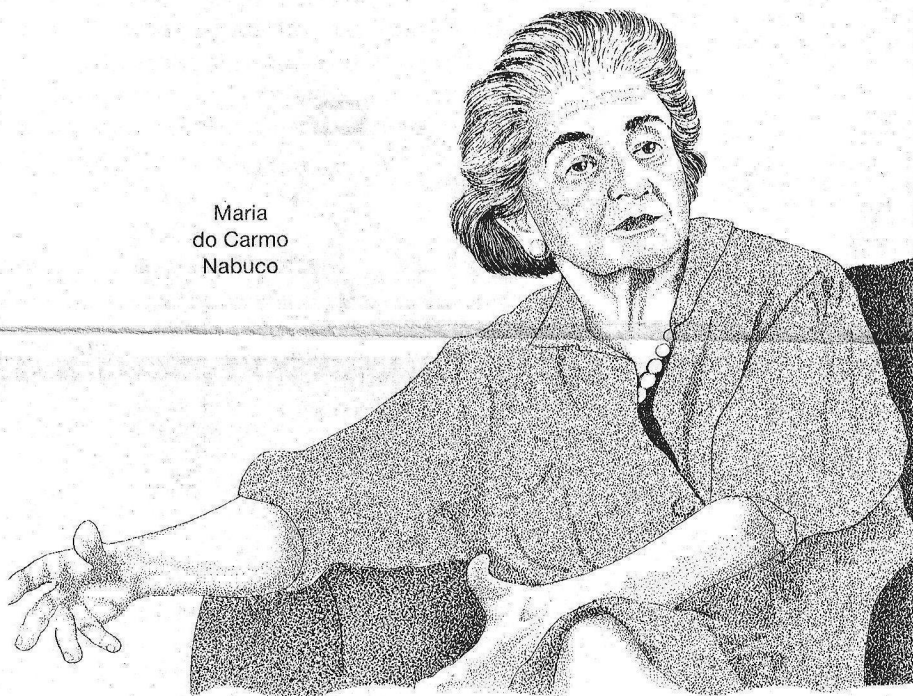
“Nasci cercada por políticos. Vivenciei de perto a revolução de 30”, comenta. Seu irmão Virgílio foi líder do movimento em que seu pai – Afrânio – precisou exilar-se na Embaixada do Peru ao ser procurado pela polícia. Lá ficou até a deposição de Washington Luiz. Tornou-se então ministro das Relações Exteriores e três anos depois, durante a crise política em que Oswaldo Aranha deixou o governo Vargas, Mello Franco também saiu. Vargas passou a centralizar as decisões relativas às relações externas.

Advogado, diplomata, três vezes deputado e duas vezes ministro, Afrânio de Mello Franco foi senador na Constituição republicana. Dividiu residência entre Minas Gerais, vários países da Europa e o Rio. Quando morava em frente da praia de Ipanema (hoje Avenida Vieira Souto), na época um imenso areal, nasceu dona Maria do Carmo. Ela também é neta, pelo lado materno, de José Cesário de Faria Alvim, deputado e presidente das províncias do Rio e Minas Gerais no tempo do Império. Na República, elegeu-se senador. Foi também prefeito do Rio de Janeiro.

Dona Maria do Carmo é tão atenta a acontecimentos políticos que chegou a ser citada por um grupo de intelectuais brasileiros em reportagem, publicada no jornal O Globo em 1995, como uma das mulheres que poderiam muito bem ocupar a Presidência da República.

Em paralelo, através da vida profissional do marido, acompanhou de perto momentos impor-

Maria
do Carmo
Nabuco



tantes no mundo dos negócios. Foi praticamente no escritório de advocacia dos Nabuco que o hoje maior conglomerado privado nacional, o grupo Ipiranga (faturamento bruto anual de US\$ 6,5 bilhões), teve a sua composição acionária nacionalizada.

Um dos primos do doutor José Tomás trabalhava no escritório: era ele, então, o promissor advogado João Pedro Gouvêa Vieira. Em 1937, foi contratado pelos acionistas argentinos e uruguaios de uma pequena refinaria em Uruguaiana, no Rio Grande do Sul, que enfrentam processo de nacionalização exigida por Getúlio Vargas. Conseguiu adiar por alguns meses a nacionalização e recebeu como honorários ações da refinaria, às quais juntaria depois muitas outras pagas posteriormente com apoio de amigos e parentes.

Um dos filhos de João Pedro Gouvêa Vieira, Eduardo Eugênio, presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), também chegou a organizar um almoço reunin-

do empresários fluminenses e o presidente em sua casa, em Itaipava. Mas o cerimonial optou por reduzir os deslocamentos de Fernando Henrique. O almoço será no Palácio Princesa Isabel, no centro de Pe-

trópolis. Eduardo tem parentesco com os Nabuco por duas vertentes. Através do pai e de sua mulher Cristina, que é sobrinha de dona Maria do Carmo.

O presidente dormirá duas noites no palacete

de estilo francês, com nove quartos da família Nabuco, localizado na Avenida Ipiranga, no centro histórico de Petrópolis. Quem passa pela rua pouco consegue ver da casa, cercada por jardins. Internamente, a decoração é requintada, com peças francesas, a maioria delas do início do século, trazidas pelo embaixador Olinto Magalhães, que construiu o palacete em 1910 e para o qual encomendara projeto a um arquiteto francês.

Em 1953, o advogado José Tomás Nabuco e dona Maria do Carmo compraram a propriedade. “De porteira fechada, como se diz em Minas. Fazemos manutenção constantemente. Para este verão, pintamos apenas a fachada. Por dentro, está tudo muito confortável. Obviamente, separamos o melhor quarto para acomodar o presidente. Minhas filhas estiveram lá e confirmaram que tudo está em ordem”, conta dona Maria do Carmo.

Uma das filhas, Vivi (Silvia Maria) Nabuco, recorda que um dos momentos mais alegres de festa em família, passados na casa petropolitana, foi o noivado da irmã Nininha (Maria do Carmo) com José Luis Magalhães Lins. Sobrinho do político e empresário mineiro Magalhães Pinto, durante as décadas de 60 e 70, José Luis foi o principal executivo do Banco Nacional. Depois, presidiu o Banerj. Hoje, é conselheiro do Tribunal de Contas do Estado.

Vivi foi casada com Antonio Carlos Almeida Braga, fundador da Atlântica Boavista Seguros e antigo sócio do Bradesco. Ele deixou o Bradesco na década de 80 e com a venda das ações os filhos de Almeida Braga, Katy e Luis Antonio, fundaram o banco Icatu, com o objetivo inicial de administrar os ativos financeiros da família. O banco cresceu e hoje é uma das instituições financeiras de maior sucesso do País.



A residência da tradicional família Nabuco, onde o presidente irá se hospedar durante a visita à cidade